

Nesta foto tirada no Museu de História Natural, vemos uma jibóia, o ofídio de grandes dimensões, mas desprovido de veneno, desdobrada. Na parte superior, o esqueleto e na inferior o couro



Vista de um dos salões do Museu de História Natural, com todas as suas peças ostentando legendas esclarecedoras

Só os museus municipais funcionam com regularidade

Apesar de possuir no papel um bom número de museus, Campinas na realidade só tem os municipais, funcionando regularmente. Os criados pelos governos federal e estadual, ou ainda estão à espera das providências para a sua instalação ou, ao que tudo indica, não serão implantados. No âmbito estadual, temos um museu à espera de providências. É o Museu Histórico e Pedagógico "Campos Sales", criado pelo decreto n.º 26.218 do governador Jânio Quadros, por iniciativa do deputado Solon Borges dos Reis. Inaugurado numa dependência do Centro de Ciências, Letras e Artes, esse Museu aguarda o convênio para utilização do prédio da FEPASA, que foi da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, encampada por aquela. Outro museu criado por lei federal, em 20 de agosto de 1969, é o do café. Destinava-se este a documentar a história do café, ao mesmo tempo que serviria de mostra retrospectiva e de exposição permanente sobre o desenvolvimento da cafeicultura e das técnicas desta nas diversas fases da sua evolução. Posteriormente, em 16 de julho de 1970, outro decreto presidencial alterava a estrutura da Fundação Museu do Café de Campinas, que passaria a funcionar como Centro Nacional de Pesquisas do Café, para realização de estudos ligados à produção, industrialização e comercialização do café. Sua sede: a Fazenda Taquaral. Em suas novas funções, o museu do café passaria a ser órgão assessor do Instituto Brasileiro do Café — IBC. Ambos os museus, o estadual e o federal, só existem no papel, já que, embora existindo de direito, não existem de fato.

HÁ COUSAS INTERESSANTES NOS 5 MUSEUS DO BOSQUE
Nos cinco museus — de História Natural, de Folclore (que conta agora com uma seção de Medicina Folclórica), do Índio, Histórico e o da Julho, há coisas dignas de serem vistas, mesmo a título de curiosidade apenas. São cinco unidades com apreciável acervo, cujas peças estão

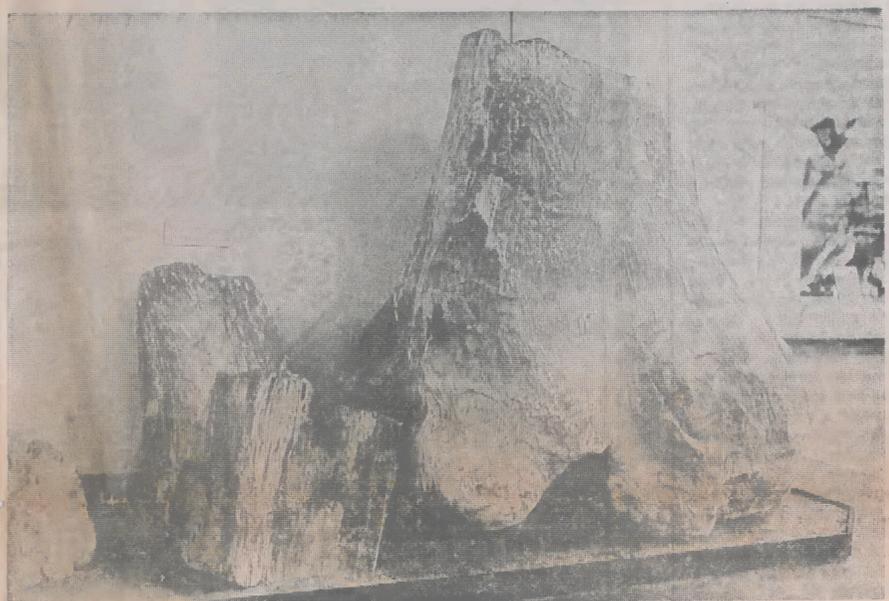
classificadas e catalogadas, representando por isso mesmo valiosos elementos auxiliares do ensino. Mas os museus municipais instalados no Bosque dos Jequitibás não devem ser vistos apenas pelo lado didático, pois mesmo para aqueles que os visitarem por mera curiosidade, eles são interessantes.

O Museu de História Natural foi o primeiro a ser instalado no Bosque dos Jequitibás, no prédio onde funcionou o restaurante, adaptado em 1975. Ocupa a área aproximada de 400 metros quadrados, com suas várias dependências como 2 salões, 2 salas, sala de Taxidermia, Carpintaria, recepção. A exposição ocupa uma área de 150 metros quadrados.

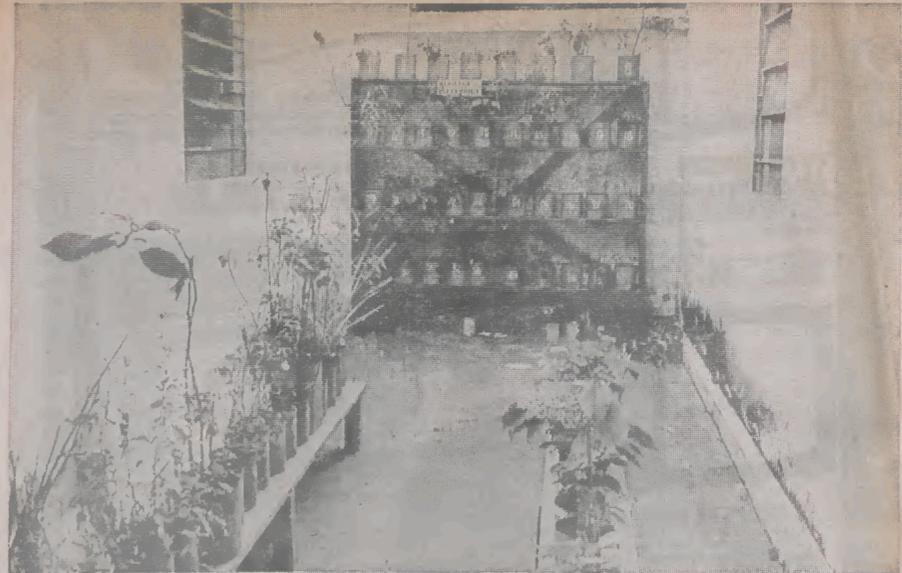
Em vitrines, em quadros nas paredes, penduradas no teto ou isoladas, estão as várias peças, que constituem o acervo do Museu de História Natural, onde podem ser vistos aves, mamíferos, peixes, répteis, insetos e outros, na parte de Zoologia, que apresenta também uma curiosa seção de osteologia, com os mais diversos esqueletos. No Reino Vegetal, há muito que ver também, assim como no Mineral.

Na parte do Reino Animal, constituída quase que totalmente de espécies nacionais, o visitante, além da rica coleção de empalhados, ovos, ninhos, há alguns exemplares de casos teratológicos. São os "fenômenos", tomando-se esta palavra no sentido de "anormal", de "aberração", como os 2 bezerros, ambos com duas cabeças. Há também, nesta coleção, um bezerro de quatro orelhas, um pinto com 4 pernas e outro com 3.

Lindos exemplares de borboletas chamam a atenção do visitante, que em outro local pode ver o esqueleto e o couro de uma grande jibóia. Para que o visitante tenha ciência de como agem os animais, procuram-se em muitos casos dramatizar o caso, como temos, por exemplo, na apresentação do gavião devorando um pato, a onça (ja-



Troncos de árvores petrificados. O maior, proveniente da Sub-Região de Rio Claro, pesa 2 toneladas e meia



Plantas medicinais cultivadas no Museu do Folclore, as quais, principalmente no passado, foram muito utilizadas pelo povo em infusões

guatrica) atacando uma capivara. A dinâmica do vôo da pomba é sugerida por duas aves empalhadas, o interesse não é menor. Logo à entrada, um tronco de 2 toneladas e meia chama a atenção. São 2 mil e quinhentos quilos de madeira petrificada, trazida da Sub-Região de Rio Claro, cuja legenda tem este complemento na legenda: "A madeira petrifica-se pela ação do ácido silício, chegando pouco a pouco até as camadas celulares. Outros elementos como óxido de ferro e de manganês contribuem para corar a madeira". Na ocasião da visita do repórter, alunos de uma escola de Campinas visitavam com suas professoras o Museu, interessando-se pelo conteúdo das legendas explicativas, feitas com cunho didático, como convém a órgão cultural de tal natureza.

Do Museu de História Natural, passa-se para o de Folclore, num prédio vizinho, onde se acha também o do Índio. O de Folclore complementa-se com uma seção de plantas para a medicina caseira (Medicina Folclórica, assim denominada pelos responsáveis pelos Museus do Bosque).

No Museu de Folclore, já se encontram classificadas e catalogadas perto de quatrocentas peças. O acervo do Museu do Índio é constituído de peças pertencentes ao Município e ao Centro de Ciências, Letras e Artes.

Revendo os arquivos, duas leis municipais surgem diante dos olhos do pesquisador: a de 1938 assinada pelo Prefeito João Alves dos Santos e a de 1956, pelo Prefeito Rui Hellmeister Novais. A primeira cria o Museu Municipal de Campinas e a segunda o Museu Histórico da Cidade de Campinas. Com o nome de Museu Histórico, o do Bosque tem um acervo apreciável, chamando a atenção a coleção de instrumentos que evocam a es-

cravatura, de armas antigas assim como uma liteira ou banguê para transporte de pessoas.

A Revolução Constitucionalista de 1932 tem o seu Museu também: o 9 de Julho. Além da coleção de publicações da época, jornais, revistas, etc, objetos que lembram o Movimento estão ali expostos. O acervo pertence à entidade M.M.D.C., mas está sob a tutela da Prefeitura Municipal para a qual passará ao caso da extinção daquela agremiação que reúne os ex-combatentes de 1932.

Todos esses Museus tem o seguinte horário: diariamente, com exceção das segundas-feiras, de 9 às 11,30 horas e de 13 às 17 horas. Não funcionam nas manhãs de segundas-feiras, quando se abrem só no período da tarde. A frequência é grande. Em 1978, 216.954 pessoas visitaram os Museus do Bosque, devendo-se assinalar que lá estiveram naquele ano 7.403 alunos acompanhados de suas professoras, em número de 328.

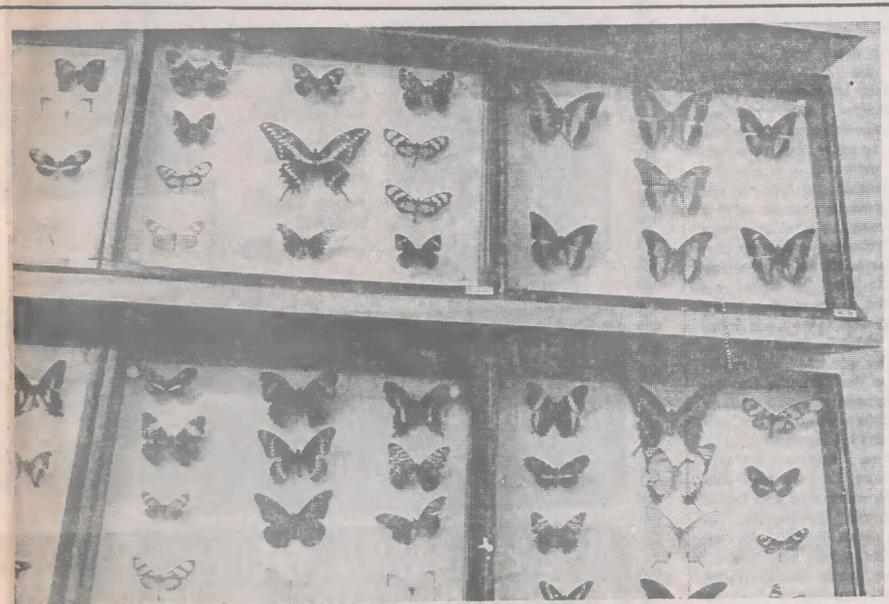
OUTROS MUSEUS
Campinas possui ainda o Museu de Arte Contemporânea, do Município, instalado no mesmo prédio da Biblioteca Municipal, com seu acervo próprio em exposição permanente e com exposições de artistas que expõem em Campinas.

O Museu "Carlos Gomes", do Centro de Ciências, Letras e Artes, pode ser visitado. Nele estão preciosas relíquias que pertenceram ao Maestro como, por exemplo, o seu piano. Ali se guardam também originais de Carlos Gomes entre os quais figura a Sonata para Instrumentos de corda (Quarteto ou Quinteto) conhecida como "Burrico de Pau".

No Museu Arquidiocesano, de Arte Sacra, que funciona na Cúria Arquidiocesana de Campinas, pode ser visitado pelos interessados, mas é preciso marcar previamente as visitas com o diretor.



Apetrechos bélicos usados na Revolução Constitucionalista de 1932, em exposição no Museu "9 de Julho"



Parte da coleção de lepidópteros, borboletas, da seção de entomologia do Museu de História Natural